

Arqueologia: formar para a complexidade

SÉRGIO R. GOMES LICENCIADO NO ANO 2000 EM HISTÓRIA VARIANTE ARQUEOLOGIA PELA F.L.U.P.

A Arqueologia, como qualquer outro domínio do Saber, deve ser uma forma de emancipação. Neste sentido, um curso de Arqueologia deveria ser um momento de formação onde os alunos tomassem a consciência da potencialidade das técnicas em aprendizagem e adquirissem uma postura eficaz perante as situações que caracterizam o actual estado da actividade arqueológica.

Adaptabilidade e flexibilidade teriam sido os aspectos mais importantes a promover no decurso da Licenciatura em História-variante Arqueologia. Todavia, a necessidade constante de responder às teorias e aos raciocínios monoliticamente impostos pelos meus formadores teve como consequência um profundo desajustamento relativamente à realidade profissional. Para ultrapassar estes problemas, mais do que um reforço da componente prática da formação em Arqueologia, cuja lacuna no currículo da Licenciatura foi superada com a participação e o acompanhamento da investigação levada a cabo por alguns professores e colegas, teria agradecido uma iniciação à postura prospectiva e ao espírito empreendedor necessários às exigências do processo de profissionalização da Arqueologia. Assim, sem negar a mais-valia da formação recebida, sinto frequentemente que me foi delegado

um conhecimento fechado e capacidades bloqueadas que, conseqüentemente, se tornam inoperacionais perante a realidade exterior à Universidade.

A Arqueologia está em processo de afirmação no mercado de trabalho. Entra constantemente em contacto com actividades cujos procedimentos desconhece, nomeadamente no domínio da construção civil, onde é vista frequentemente como um entrave à progressão dos trabalhos ou como um pretexto para justificar atrasos já existentes. Esta situação é conducente ao enegrecimento da imagem da Arqueologia e afecta negativamente qualquer tentativa de afirmação dos arqueólogos. Desta forma, os imperativos da realidade do trabalho demonstram a necessidade de complexificar a formação em Arqueologia através do exercício de raciocínios e competências de uma natureza alargada e que possibilitem

A formação em Arqueologia deveria ser orientada no sentido de profissionalizar os alunos em conhecimentos, técnicas e discursos que facilitassem a sua integração no mundo do trabalho

uma formação para a adaptação a um contexto preestabelecido.

Assim, a formação em Arqueologia deveria ser orientada no sentido de profissionalizar os alunos em conhecimentos, técnicas e discursos que facilitassem a sua integração no mundo do trabalho. Esta aprendizagem passaria pela construção de uma plataforma de acção onde os arqueólogos legitimassem a sua actividade através da capitalização do seu objecto de estudo. Demonstrar a eficácia e a importância do pensamento arqueológico enquanto forma particular de assumir um papel no mundo do trabalho e criar uma Arqueologia disseminada pelos vários sectores da sociedade, são aspectos fundamentais que deveriam ser incrementados na formação dos arqueólogos.

A Licenciatura em Arqueologia deveria ser, antes de tudo, um exercício de metacognição, no sentido de compreender a pluralidade de posturas possíveis que o pensamento arqueológico permite. Assim, o diploma, em vez de fechar o licenciado a um emprego (ou desemprego), tornaria possível a formação de um arqueólogo activo, capaz de desfazer a estanquicidade sequencial das actividades profissionais, tornando a Arqueologia uma actividade diversificada, pronta a responder aos desafios colocados pela mutabilidade do mercado de trabalho e pela sociedade em geral.

A precaridade das condições de trabalho não permite pensar numa formação em função da empregabilidade em Arqueologia, nem os arqueólogos constituem um assalariado suficientemente amplo para a eficácia das suas reivindicações laborais. Assim, a Arqueologia deveria ser vista como um pretexto para a necessidade de formação que qualquer indivíduo experimenta quando entra no mundo do trabalho, sendo que a adaptabilidade é uma postura a desenvolver para a sua sobrevivência.

A profissionalização em Arqueologia deveria orientar a omnisciência do estudo do passado e da salvaguarda do património arqueológico, no sentido de a tornar numa postura partilhável e negociável

Uma formação tecnológica em banda larga seria uma resposta adequada aos indivíduos que optassem pela profissionalização em Arqueologia. Esta situação traria benefícios à própria Arqueologia, porque permitiria a interacção do pensamento arqueológico com outras áreas do saber e com outras esferas do *sistema*, contribuindo para disseminação do conhecimento arqueológico e, conseqüentemente, da *consciência arqueológica*.

Com efeito, a profissionalização em Arqueologia deveria orientar a omnisciência do estudo do passado e da salvaguarda do património arqueológico, objectivo primeiro desta ciência, no sentido de a tornar numa postura partilhável e negociável. É necessário que os alunos sejam levados a transpor a esfera da execução para o exercício de uma função de esclarecimento conducente à criação de uma sociedade sensível às questões da Arqueologia.

Deste modo, o ensino da Arqueologia deveria ter como preocupação fundamental a formação de indivíduos activos capazes de reinventar a actividade arqueológica através da sua particularização e negociação com as outras áreas-formar para a complexidade com o objectivo de conferir uma mobilidade e politecnicidade necessárias à realização dos desafios e dos desejos de cada um.